

## OS SEXOS

O jovem da gravata cénica baixou nervosamente os olhos pelo sofá até à rapariga do vestido de franjas. Esta examinava o seu lenço; bem poderia ser o primeiro do género que ela via, tão profundo era o seu interesse no material, forma e possibilidades daquele. O jovem pigarreou, sem necessidade nem sucesso, produzindo um ruído baixo, sincopado.

«Queres um cigarro?», disse ele.

«Não, obrigada», disse ela. «Muitíssimo obrigada, de qualquer modo.»

«Lamento só ter destes», disse ele. «Tens alguns dos teus?»

«Francamente, não sei», disse ela. «Provavelmente tenho, obrigada.»

«Porque, se não tiveres», disse ele, «não me leva um minuto a ir até à esquina e comprar-te mais.»

«Oh, obrigada, mas não deixaria que te incomodasses tanto por nada deste mundo», disse ela. «É muito amável da tua parte pensares nisso. Muitíssimo obrigada.»

«Podes, por amor de Deus, parar de me agradecer?», disse ele.

«Francamente», disse ela, «não sabia que estava a ser inconveniente. Peço imensa desculpa se te magoei. Sei o que é ser-se magoado. Com certeza não me apercebi de que era um insulto dizer “obrigada” a uma pessoa. Não estou propriamente habituada a que me roguem pragas por dizer “obrigada”.»

«Eu não te roguei pragas!», disse ele.

«Ah, não?», disse ela. «Compreendo.»

«Meu Deus», disse ele, «tudo o que fiz foi perguntar-te simplesmente se podia sair e comprar-te cigarros. Há nisso razão suficiente para ficares abespinhada?»

«Quem é que está abespinhada?», disse ela. «Com certeza não sabia que era uma ofensa criminosa dizer que não me passaria pela cabeça incomodar-te tanto. Temo que seja terrivelmente estúpida ou coisa parecida.»

«Queres que saia para te comprar cigarros, ou não?», disse ele.

«Santo Deus», disse ela, «se te apetece assim tanto ir, por favor não te sintas obrigado a ficar aqui. Não desejaria que te sentisses obrigado a ficar por nada deste mundo.»

«Ah, não sejas assim, está bem?», disse ele.

«Assim, como?», disse ela. «Não estou a ser nem assim nem assado.»

«O que se passa?», disse ele.

«Ora, nada», disse ela. «Porquê?»

«Tens andado estranha toda a noite», disse ele. «Mal falaste comigo, desde que entrei.»

«Lamento imenso que não te tenhas estado a divertir», disse ela. «Por amor de Deus, não te sintas obrigado a ficar aqui e aborrecido. Com certeza que há milhões de sítios onde te podias estar a divertir muito mais. Há só uma coisa, que tenho alguma pena de não ter sabido antes, e é tudo. Quando disseste que vinhas esta noite, desmarquei uma série de compromissos para ir ao teatro, e tudo. Mas não faz a menor diferença. Prefiro muito mais que vás tu e te divirtas. Não é lá muito agradável estar uma pessoa aqui sentada e sentir que a outra está a morrer de tédio.»

«Eu não estou a morrer de tédio!», disse ele. «Não quero ir a sítio nenhum! Ah, querida, não me vais dizer o que se passa? Ah, por favor.»

«Não faço a menor ideia do que estás a falar», disse ela. «Não se passa absolutamente nada. Não sei o que queres dizer.»

«Sabes, sim», disse ele. «Algo se passa. Foi alguma coisa que eu fiz, ou isso?»

«Santo Deus», disse ela, «com certeza não é nada comigo, o que quer que faças. Certamente nunca me sentiria no direito de te criticar.»

«Podes parar de falar assim?», disse ele. «Podes, por favor?»

«Falar assim como?», disse ela.

«Tu sabes», disse ele. «Do modo como falaste ao telefone hoje, também. Foste tão ranhosa quando te liguei que fiquei com medo de falar contigo.»

«Desculpa», disse ela. «O que é que disseste que eu fui?»

«Bem, desculpa lá», disse ele. «Não quis dizer isso. Pões-me tão confuso.»

«Estás a ver», disse ela, «não estou mesmo habituada a ouvir esse tipo de linguagem. Nunca ninguém me disse semelhante coisa em toda a minha vida.»

«Já te pedi desculpa, não pedi?», disse ele. «Sinceramente, querida, não quis dizer isso. Nem sei como cheguei a dizer uma coisa dessas. Perdoas-me? Por favor?»

«Ah, com certeza», disse ela. «Por amor de Deus, não sintas que tens de me pedir desculpa. Não faz mesmo qualquer diferença. Não deixa é de parecer um pouco estranho que alguém que sempre pensámos ser um cavalheiro venha a nossa casa e use connosco linguagem dessa, é só isso. Mas não faz a mais pequena diferença.»

«Acho que nada do que disser fará qualquer diferença para ti», disse ele. «Pareces estar sentida comigo.»

«Eu, sentida contigo?», disse ela. «Não compreendo o que te levou a pensar isso. Porque haveria de estar sentida contigo?»

«Isso é o que estou eu a perguntar», disse ele. «Não me vais dizer o que é que eu fiz? Fiz alguma coisa que te magoasse, querida? O modo como me falaste ao telefone deixou-me preocupado durante todo o dia. Nem sequer consegui trabalhar.»

«Não gostaria, certamente, de sentir», disse ela, «que estava a interferir com o teu trabalho. Sei que há muitas raparigas que não dão a menor importância a uma coisa dessas, mas eu acho que é terrível. Não é, certamente, lá muito agradável estar uma pessoa aqui sentada e vir alguém dizer que se interfere com o seu ofício.»

«Eu não disse isso!», disse ele. «Não o disse!»

«Ah, não?», disse ela. «Bem, fiquei com essa impressão. Deve ser estupidez minha.»

«Acho que talvez seja melhor ir andando», disse ele. «Não consigo acertar. Tudo o que digo parece deixar-te cada vez mais sentida comigo. Preferes que me vá embora?»

«Por favor, faz exactamente aquilo que te apetecer», disse ela. «Com certeza, a última coisa que quero é fazer-te ficar aqui quando preferias estar noutro lado. Porque é que não vais para algum sítio onde não te aborreças? Porque é que não vais para casa da Florence Leaming? Sei que ela adoraria receber-te.»

«Não quero ir para casa da Florence Leaming!», disse ele. «Para que é que haveria de querer ir para casa da Florence Leaming? Ela chateia-me.»

«Ah, sim?», disse ela. «Mas eu reparei que ela não parecia estar propriamente a aborrecer-te na festa da Elsie ontem à noite. Reparei que nem podias falar com mais ninguém, tal era a chatice que ela te estava a dar.»

«Sim, e sabes porque é que estava a falar com ela?», disse ele.

«Ora, julgo que a achas atraente», disse ela. «Julgo que algumas pessoas acham. É perfeitamente natural. Algumas pessoas pensam que ela é muito bonita.»

«Não sei se é bonita ou não», disse ele. «Não a reconheceria se a visse outra vez. A razão pela qual estava a falar com ela é que tu não me ligaste a mínima ontem à noite. Cheguei e tentei falar contigo e tu só disseste “Oh, como tens passado” — assim mesmo, “Oh, como tens passado” — e afastaste-te logo e nem olhavas para mim.»

«Não olhava para ti?», disse ela. «Ah, essa é muito engraçada. Oh, é maravilhosa. Não te importas que me ria, pois não?»

«Bem podes rir a bandeiras despregadas», disse ele. «Mas não me parece que o faças.»

«Bom, assim que entraste», disse ela, «começaste a dedicar tanta atenção à Florence Leaming que pensei que nunca mais quisesses ver mais ninguém. Vocês os dois pareciam estar a divertir-se tanto juntos que não me ia agora intrometer por nada deste mundo.»

«Santo Deus», disse ele, «essa não-sei-quantas apareceu e começou a falar comigo, mesmo antes de ter visto quem quer que fosse, e o que é que eu podia fazer? Não podia dar-lhe um murro no nariz, pois não?»

«Certamente não te vi tentar», disse ela.

«Viste-me tentar falar contigo, não viste?», disse ele. «E o que é que fizeste? “Oh, como tens passado”. Depois essa não-sei-quantas apareceu novamente e ali fiquei eu, empatado. Florence Leaming! Acho-a terrível. Sabes o que penso dela? Acho-a parvinha de todo. É isso que penso dela.»

«Bem, é claro», disse ela, «foi essa a impressão que ela sempre me deu, mas não sei. Já ouvi quem dissesse que é bonita. Sinceramente, já ouvi.»

«Ora, ela não pode ser bonita onde tu também estiveres», disse ele.

«Tem um nariz horrivelmente estranho», disse ela. «Sinto realmente pena de uma rapariga com um nariz assim.»

«Tem um nariz horrível», disse ele. «Tu tens um belo nariz. Ena, tens mesmo um nariz bonito.»

«Oh, não tenho nada», disse ela. «Estás maluco.»

«E uns olhos bonitos», disse ele, «e um cabelo bonito e uma boca bonita. E mãos bonitas. Dá-me uma dessas mãos pequeninas. Ah, olha que mão tão pequenina! Quem é que tem as mãos mais bonitas do mundo? Quem é a rapariga mais doce do mundo?»

«Não sei», disse ela. «Quem?»

«Não sabes!», disse ele. «Tu também sabes, sim.»

«Não sei», disse ela. «Quem? A Florence Leaming?»

«Ah, Florence Leaming, o raio!», disse ele. «A ficar sentida por causa da Florence Leaming! E eu sem pregar olho toda a noite e sem fazer nada de útil todo o dia porque tu não falavas comigo! Uma rapariga como tu a ficar sentida por causa de uma rapariga como a Florence Leaming!»

«Acho que és mesmo completamente maluco», disse ela. «Eu não estava sentida! Porque carga d'água é que pensaste que eu estava? És simplesmente maluco. Ai, o meu colar de pérolas novo! Espera um segundo enquanto o tiro. Pronto!»